

Aumento da pobreza e falta de comida fazem ovo virar prato principal na pandemia[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Felipe Souza – @felipe_dess – Da BBC News Brasil em São Paulo Coronavírus: Aumento da pobreza e falta de comida... Publicados 1 minuto atrás em Coloca a panela no fogão, acende, põe um fio de óleo e quebra um ovo. Este se tornou o novo hábito diário da aposentada Maria José de Araújo, de 73 anos, e de milhares de brasileiros nos últimos meses na hora de preparar as refeições. Com o agravamento da crise financeira causada pela pandemia do coronavírus e as constantes altas do preço da carne, aliados à perda da renda e do emprego, o ovo tornou-se a principal fonte de proteínas de muitas famílias. “Eu sempre comprava costela, bife ou frango. Mas hoje bife é para rico. Aqui em casa, nem pensar. Quando compro alguma coisa diferente, é coxa e sobrecoxa. Até o pé do frango está caro”, afirmou Maria José, que mora com o marido e a filha na Brasilândia, zona norte de São Paulo. “Antes, a gente sempre colocava carne na mesa. Mas hoje a gente faz tudo com ovo. Omelete, ovo frito, cozido. Daqui a alguns dias, a gente não vai aguentar mais”, contou à reportagem. Um estudo do grupo de pesquisas Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy (Comida por Justiça: Poder, Política e Desigualdades Alimentares em uma Bioeconomia, em tradução livre), da Universidade Livre de Berlim, apontou que o ovo foi o alimento que teve maior aumento no consumo dos brasileiros durante a pandemia: 18,8%. Na avaliação dos pesquisadores, esse crescimento no consumo de ovos aponta para uma clara substituição no consumo de carne, que teve redução de 44%. O número de pessoas que disse ter comido mais carne, entre novembro e dezembro de 2020, foi de apenas 3,2%. ‘Olha o ovo!’ O vendedor de ovos Leonardo Carlos Ribeiro Cabral, de 37 anos, sentiu essa mudança. Suas vendas dispararam. Antes da pandemia, ele vendia cerca de 1,5 mil a 2 mil caixas de ovos por mês. “Hoje, eu vendo 4 mil”, disse. Três vezes por semana, ele percorre os 70 km que separam a Freguesia do Ó, na zona norte de São Paulo, e a cidade de Mairinque, para buscar ovos. Cabral entrou nesse mercado há seis anos como ambulante, vendendo cartelas de porta em porta e anunciando o produto por meio de um alto-falante, em uma Kombi. Mas a perda de renda e a fome durante a pandemia fizeram o negócio de Cabral prosperar. Hoje, ele tem três funcionários que vendem o alimento em carros nas ruas. “A gente mudou da água para o vinho. Eu tinha duas peruas velhas que usava para vender ovos. Hoje, comprei uma van, comprei um carro novo e estou construindo quatro casas para investimento porque não sei até quando vai durar essas vendas”, afirmou. Cabral contou que percebeu uma mudança no perfil de seus clientes no último ano. “Antes, as pessoas de classe média não compravam. Hoje, elas são as que mais compram, principalmente quando a Prefeitura fecha os comércios e as pessoas não podem sair de casa. Se eu soubesse que vender ovo seria tão bom, hoje eu teria um galinheiro”, afirmou sorrindo. Ele cita um de seus clientes, que compra ovos para revender: um taxista que deixou de fazer corridas e encheu o carro com o produto para comercializar na zona norte da capital paulista. Agnaldo Machado dos Santos, de 34 anos, tem história parecida. Ele trabalhava como motorista de aplicativo, mas foi alertado por um amigo sobre o aquecimento do mercado de venda de ovos e agora usa o carro para vender o produto na rua. “Eu encho o porta-malas com caixas de ovos, abro em um lugar com grande movimento e fico ali com uma placa por uns 20 minutos. Depois vou mudando de lugar ao longo do dia. Chego a ganhar 50% a mais do que fazendo corridas”, contou Santos. Insegurança alimentar cresce na pandemia O economista Marcelo Neri, diretor do centro de estudos FGV Social, afirmou que a queda na renda provocada pela pandemia agrava uma tendência crescente de insegurança alimentar que o Brasil atravessa nos últimos anos. A Food for Justice apontou que, em abril de 2021, 59,4% dos domicílios do país se encontravam em situação de insegurança alimentar. Isso ocorre quando uma família diz ter preocupação com a falta de alimentos em casa ou já enfrenta dificuldades para conseguir fazer todas as refeições. De acordo com o estudo da

Food for Justice, para mais altos percentuais de insegurança alimentar são registrados em famílias com apenas uma fonte de renda (66,3%). Isso se acentua ainda mais quando essa responsável é uma mulher (73,8%) ou uma pessoa parda (67,8%) ou preta (66,8%). Você viu? Uma pesquisa feita pelo Data Favela, uma parceria entre Instituto Locomotiva e a Central Única das Favelas (Cufa), em fevereiro, apontou que, entre os 16 milhões de brasileiros que moram em favelas, 67% tiveram de cortar itens básicos do orçamento com o fim do auxílio emergencial, como comida e material de limpeza. Outros 68% afirmaram que, nos 15 dias anteriores à pesquisa, em ao menos um dia faltou dinheiro para comprar comida. Oito em cada dez famílias disseram que, se não tivessem recebido doações, não teriam condições de se alimentar, comprar produtos de higiene e limpeza ou pagar as contas básicas durante os meses de pandemia. Consumo de carne caiu ao menor patamar da história A crise fez o consumo de carne no Brasil chegar ao menor patamar em 25 anos, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), desde o início da série histórica, em 1996. Hoje, cada brasileiro consome, em média, 26,4 kg de carne por ano. Isso significa uma queda de quase 14% na comparação com 2019, um ano antes da pandemia. A queda em relação a 2020 é de 4%, segundo o Conab. Economistas apontam que, com a alta do dólar, os produtores preferem vender a carne para outros países, como a China, que paga em dólares. Mas nem o ovo escapou ileso da crise. De acordo com o Índice de Preços ao Consumidor da Fundação Getúlio Vargas, no último ano, seu preço teve uma alta acumulada de 11,45%, enquanto a inflação do consumidor foi de 6,35%. “Se o ovo não tivesse ficado mais caro, eu estaria vendendo ainda mais”, disse Leonardo Cabral. O preço da sua caixa de ovos, com 30 unidades, passou de R\$ 10 para R\$ 15, um aumento de 50%. A aposentada Maria de Araújo conta que, onde ela mora, o ovo encareceu bastante também. A cartela com uma dúzia, que custava R\$ 8, hoje sai por R\$ 13. “Se continuar assim, até ovo vai ser difícil comprar”, afirmou à BBC News Brasil. ‘Saída é aumentar a renda’, aponta economista O economista Marcelo Neri, da FGV, diz que a procura maior pelo ovo causou essa subida repentina do preço. “O aumento do preço das commodities e a variação cambial causaram uma alta nos alimentos”, afirmou o professor da FGV. Isso faz com que as famílias procurem por proteínas que tenham um custo mais baixo. Mas Neri pondera que o mercado deve se ajustar e os preços devem diminuir, seguindo tendências históricas. “O aumento das commodities é uma boa notícia para a macroeconomia brasileira, mas ruim para o consumidor. A notícia boa é que esse aumento não veio para ficar. O preço das commodities flutua, e eu diria que isso não é um choque permanente”, afirmou Neri. Mas o economista ressalta que há uma tendência de piora da insegurança alimentar desde 2014. Um fenômeno, segundo ele, ligado ao aumento da desigualdade e pobreza. Neri explica que o auxílio emergencial ajudou a reduzir esse problema, mas que parte desse benefício foi anulado pelo encarecimento dos alimentos. Para o economista, a melhor solução hoje para amenizar o impacto na alta dos preços é investir na melhoria de renda da população e aguardar para que os valores voltem a patamares pelo menos mais próximos dos anteriores. “As outras alternativas, como o controle de preços, não são boas. A gente já experimentou isso no passado e viu que causa escassez porque as pessoas consomem e gera uma corrida que não chega a lugar nenhum. Temos que pensar em políticas estruturais e de melhora de renda da população”, afirmou Neri. Já assistiu aos nossos novos vídeos no YouTube ? Inscreva-se no nosso canal! Prêmio da Mega-Sena sai para dois apostadores, que dividirão R\$ 94,6 milhões Publicados 6 horas atrás em Dois apostadores – de Maceió e de São Paulo – acertaram as seis dezenas do Concurso 2.376 da Mega-Sena , realizado nesse sábado (29) à noite no Espaço Loterias Caixa, no Terminal Rodoviário do Tietê em São Paulo. Cada um vai receber R\$ 47,3 milhões. As dezenas sorteadas na Mega-Sena foram 12, 14, 17, 18, 19 e 22. A quina teve 433 ganhadores e cada receberá R\$ 18.922,04. Os 19.908 acertadores da quadra terão o prêmio individual de R\$ 587,93. O próximo concurso da Mega-Sena será na próxima quarta-feira (2) e deverá pagar um prêmio de R\$ 2,5 milhões. Como participar do próximo sorteio? O próximo concurso da Mega-Sena acontece na quarta-feira, 2 de junho, às 20h. É possível apostar até as 19h (horário de Brasília) do dia do sorteio, em qualquer casa lotérica credenciada pela Caixa do país. Também é possível apostar pela internet. O bilhete simples da Mega-Sena, com seis dezenas, custa R\$ 4,50 Você viu? Como apostar online na Mega-Sena? Para aqueles que apostarem pela internet, não é possível optar pela aposta mínima, de R\$ 4,50. No site da Caixa, o valor mínimo para apostar na Mega-Sena é de R\$ 30, seja com uma única aposta ou mais de uma. Veja aqui como apostar Para fazer uma aposta maior, com 7 números, dando uma maior chance de ganhar, o preço sobe para R\$ 31,50. Outra opção para atingir o preço mínimo é fazer sete apostas simples, que juntas têm o mesmo valor, R\$ 31,50. Além disso, os bolões, disponíveis online, são outra opção viável. Como funciona a Mega-Sena? O concurso é realizado pela Caixa Econômica Federal e o vencedor pode receber milhões de reais se

acertar as seis dezenas. Os sorteios ocorrem pelo menos duas vezes por semana – geralmente, às quartas-feiras e aos sábados. O apostador também pode ganhar prêmios com valor mais baixo caso acerte quatro ou cinco números, conhecidas como Quadra e Quina, respectivamente. Na hora de jogar, o apostador pode escolher os números ou tentar a sorte com a Surpresinha. Esse modelo consiste na escolha automática, realizada pelo sistema, das dezenas jogadas. Outra opção é manter a mesma aposta por dois, quatro ou até oito sorteios consecutivos, conhecida como Teimosinha. Premiação da Mega-Sena

Os prêmios costumam iniciar em, aproximadamente, R\$ 3 milhões para quem acertar as seis dezenas. Dessa forma, o valor vai acumulando a cada concurso sem vencedor. Também é possível ganhar prêmios ao acertar quatro ou cinco números dentre os 60 disponíveis no volante de apostas. Para isso, é preciso marcar de seis a 15 números do volante. O prêmio total da Mega-Sena corresponde a 43,35% da arrecadação. Deste valor: 35% são distribuídos entre os acertadores dos seis números sorteados; 19% entre os acertadores de cinco números (Quina); 19% entre os acertadores de quatro números (Quadra); 22% ficam acumulados e distribuídos aos acertadores dos seis números nos concursos terminados em zero ou cinco; e 5% ficam acumulados para a primeira faixa (Sena) do último concurso do ano de final zero ou cinco.

Dark Kitchen: Conheça o modelo de cozinha que é sucesso entre empresários

Publicados 7 horas atrás em Com o agravamento da pandemia de Covid-19 e os fechamentos do comércio para diminuir o índice de contágio da doença, bares e restaurantes buscaram alternativas para manter os estabelecimentos em funcionamento. A opção encontrada foi o delivery, que cresceu no último ano com a necessidade do isolamento social. Devido as mudanças, empresários e empreendedores passaram a investir em uma nova modalidade de cozinha: as dark kitchen. Criada há pouco mais de 20 anos, o modelo de negócio começou a fazer sucesso no começo de 2020. Diretor do restaurante Divino Fogão, Rodrigo Varela, lembra do sucesso que teve com a modalidade em cozinhas em São Paulo. Ele ressalta o aumento nas vendas e a expansão da marca em cidades interioranas do país. “Como os restaurantes estão em shoppings das grandes cidades, pensamos em expandir a marca da interior, não em formato de franquia, mas pequenos restaurantes dark kitchen usarem o cardápio da marca para distribuir via delivery”, afirma Varela. Situação semelhante aconteceu com o empresário gaúcho Thiago Cardoso. Após ver o fechamento de restaurantes, ele viu no dark kitchen uma forma rentável de investimento. Em pouco tempo e com sucesso do formato, Cardoso foi procurado por outros restaurantes para adotarem o modelo. “É mais prático porque não terá custo de botar em shoppings, alto investimento, esse modelo de negócio está crescendo bastante por quem trabalha com franquias”, explica. Esse modelo também é usado por grandes cozinheiros como Eric Jacquin. O empreendedor francês possui um restaurante em que atende presencialmente na capital Paulista, mas devido aos crescentes pedidos de pratos abriu uma cozinha para atender os deliveries. Você viu? “Esse modelo de negócios é realmente onde eu sirvo melhor o meu consumidor, principalmente os ávidos por receber o alimento no local que estiver seja a hora que for”, afirma Simone Galante, CEO da Grafeno. “Elas justamente agregam isso a facilidade de eu poder estar num outro tipo de ambiente que pode ser mais produtivo também e ter um custo de aluguel mais barato”, analisa Simone. “Ele vem gradualmente crescendo e quem entrou na pandemia já com esses modelos de negócio um pouco mais ajustados para o delivery, com a marca com presença digital, conseguiram estabelecer assim muito mais saúde financeira nos negócios do que outros negócios e a gente já tinha visto que essa ocasião de consumo que é receber aonde eu preciso dessa alimentação”, completa. Baixo investimento e possibilidade de retorno alto De acordo com a pesquisa feita pela Grafeno, o modelo Dark Kitchen, além de ser de baixo custo, pode ser rentável para os empreendedores. Simone estima que o valor da cozinha gira em torno de R\$ 5 mil e R\$ 15 mil reais. “O empresário não vai ter garçons, mesas e outros gastos que restaurantes presenciais possuem. É muito mais barato e rentável para o empreendedor. Terá que pagar apenas o aluguel, contas de água e luz, motoqueiro e os alimentos. Colocando na ponta do lápis, vale a pena”, afirma. Os empresários Rodrigo Varela e Thiago Cardoso concordam com a CEO da Grafeno e afirmam acreditar que as dark kitchen devem conquistar mais espaço no setor alimentício. “São mercados totalmente diferentes, o dark kitchen do restaurante presencial, são 2 nichos de alimentação, são 2 públicos completamente diferentes. Acredito na dark kitchen, tanto que a gente está investido muito nisso para a expansão, abrir mais de 600 unidades nos próximos dois anos”, conta Varela. “É o tipo de operação com baixo custo de investimento porque, afinal de contas, você só tem que montar 20 m² e os custos são mais baratos. Em um shopping de cozinhas delivery, muitas coisas são rateadas com outros restaurantes”, ressalta Cardoso.

Auxílio emergencial: Caixa antecipa pagamento para nascidos em dezembro; veja

Publicados 8 horas atrás em Quem faz aniversário em dezembro vai receber a segunda parcela do auxílio emergencial neste domingo (30). A

previsão era que a Caixa Econômica Federal liberasse os valores para estes beneficiários apenas em 16 de junho, mas o cronograma foi antecipado. A Caixa ainda não disse se haverá antecipação da terceira parcela, cujo começo está previsto para 20 de junho. O benefício será pago às famílias com renda mensal total de, no máximo, três salários mínimos. A renda por pessoa deve ser inferior a meio salário mínimo. O valor médio do benefício será de R\$ 250, variando de R\$ 150 a R\$ 375, a depender do perfil do beneficiário e da composição de cada família. A Caixa orienta os beneficiários com dúvidas sobre o auxílio a ligarem na central telefônica 111, que funciona de segunda-feira a domingo, das 7h às 22h, ou pelo site. Veja o calendário completo Confira também o calendário de saques



Felipe Souza – @felipe_dess – Da BBC News Brasil em São Paulo Coronavírus: Aumento da pobreza e falta de comida transformam ovo em 'prato principal' na pandemia



As vendas de ovos de Leonardo Cabral aumentaram, e ele conta que sua clientela mudou



Vendas de ovos nas ruas se tornaram negócio atrativo em meio à queda de poder aquisitivo na pandemia



Pandemia reduziu renda e aumentou insegurança alimentar no Brasil



iG São Paulo



Para ganhar o prêmio principal da Mega-Sena, é preciso acertar os seis números sorteados no

